

**UPCYCLING E O EMPODERAMENTO NAS MARGENS DA LAGOA: MULHERES
ARTESÃS TRANSFORMANDO REDES DE PESCA EM PRODUTOS
SUSTENTÁVEIS**

*UPCYCLING AND EMPOWERMENT ON THE LAGOON BANKS: WOMEN ARTISANS
TRANSFORMING FISHING NETS INTO SUSTAINABLE PRODUCTS*

Caroline Reichow Tuchtenhagem¹, Tainá Stempkowski Terra², Jocelise Jacques de Jacques³

Resumo: Em 2007, as mulheres representavam 87% dos artesãos no Brasil, utilizando o artesanato como meio de geração de renda e empoderamento, melhorando a qualidade de vida de suas famílias. Neste contexto, as artesãs da Associação Redeiras do Extremo Sul, em Pelotas - RS, reaproveitam redes de pesca e escamas descartadas, criando produtos com alto valor agregado por meio do *upcycling*, dentro do conceito de economia circular. As comunidades criativas, como defendido por Manzini, são essenciais para inovações sociais sustentáveis, e o design facilita essa interação local-global. A colaboração entre artesãs e designers não apenas revitaliza técnicas tradicionais, mas também gera novas oportunidades de mercado. Para grupos como as Redeiras, o artesanato vai além da economia; promove fortalecimento coletivo e identidade. Assim, o artesanato se torna um motor de mudança social, reforçando a autonomia feminina e inspirando outras comunidades. O estudo das Redeiras ilustra como iniciativas locais podem ter um impacto significativo, promovendo um futuro mais justo e sustentável.

Palavras-chave: Design Socioambiental; Empoderamento; Sustentabilidade; Artesanato; Upcycling.

Abstract: In 2007, women represented 87% of the arts in Brazil, using crafts as a means of generating income and empowering themselves, improving the quality of life of their families. In this context, the artisans of the Redeiras do Extremo Sul Association, in Pelotas - RS, reuse discarded fishing nets and scales, creating products with high added value through *upcycling*, within the concept of circular economy. Creative communities, as advocated by Manzini, are essential for sustainable social innovations, and design facilitates this local-global interaction. Collaboration between artisans and designers not only revitalizes traditional techniques, but also generates new market opportunities. For groups like the Redeiras, crafts go beyond economics; they promote collective empowerment and identity. Thus, crafts become a driver of social change, reinforcing female autonomy and inspiring other communities. The Redeiras study illustrates how local initiatives can have a significant impact, promoting a more just and sustainable future.

Keywords: Socio-environmental Design; Empowerment; Sustainability; Craftsmanship; Upcycling.

Data de submissão: 14 de outubro de 2024

Data de aprovação: 01 de novembro de 2024

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, carolinereichow@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tainaterra94@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jocelisejacques@ufrgs.br

1 INTRODUÇÃO

Segundo o IBGE, em 2007 as mulheres representavam 87% dos artesãos brasileiros. Para elas, o artesanato representa uma oportunidade de geração de renda e empoderamento proporcionando uma melhoria significativa na qualidade de vida (Barbosa; D'Ávila, 2014). Stromquist (1997) defende que a definição de 'empoderamento' deve abranger elementos que promovam a construção de mecanismos pelos quais as mulheres se apropriam de sua trajetória de vida, desenvolvendo uma consciência plena de suas habilidades e competências para produzir, criar e gerenciar. Além de atrair serviços públicos, fomentar o turismo e gerar empregos para as moradoras da comunidade, o artesanato também oferece a essas mulheres a chance de conquistar autonomia financeira e maior reconhecimento social.

A Associação Redeiras do Extremo Sul, localizada na cidade de Pelotas - RS, através do artesanato tem conseguido desenvolver a autonomia das mulheres participantes do grupo e a sustentabilidade através do reaproveitamento de redes de pesca de camarão e escamas descartadas. Por meio da abordagem de *upcycling*, estes materiais viram novos produtos com maior valor agregado, e assim contribuem para fomentar a economia circular.

O artigo é fruto de reflexões originadas de duas dissertações que estão em andamento no Programa de pós-graduação em Design da UFRGS, que envolvem os temas design socioambiental, especificamente *Upcycling* e Artesanato. Nas duas pesquisas as coletas de dados envolvem pesquisa *desk*, entrevistas semiestruturadas com artesãs e designers. Porém neste artigo o objetivo é relatar alguns tópicos das pesquisas de campo já relacionando-os com o referencial teórico adotado.

2 ECONOMIA CIRCULAR, UPCYCLING E GERAÇÃO DE VALOR EM MARCAS SUSTENTÁVEIS

De acordo com Malaguti (2005), a maioria dos produtos causa impactos ambientais em várias fases do seu ciclo de vida, desde a extração de matérias-primas, passando pela produção e uso, até a gestão e descarte de resíduos. Esses impactos resultam de decisões interligadas em cada uma dessas etapas, que englobam pré-produção, fabricação, distribuição, uso, descarte, além de possibilidades de reutilização e reciclagem.

Nesse cenário, emerge o conceito de economia circular, que promove a redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais, estabelecendo um ciclo sustentável que envolve desde a produção até a reintegração dos recursos na criação de novos produtos (Avila, 2018). A economia circular representa uma alternativa ao fluxo linear de produção,

em que há consumo de recursos novos e fim de ciclo em aterro. Com o fluxo cíclica busca-se reduzir progressivamente os resíduos gerados pelos sistemas industriais, utilizando estratégias de recuperação que priorizam a substituição e a diminuição do uso de matérias-primas (prevenção de resíduos), a recuperação de materiais (por meio de revenda, reparos, reformas, recondicionamento e remanufatura) e o reprocessamento (como *upcycling*, *downcycling* e reciclagem), com menor foco na recuperação de energia e no descarte (Singh; Ordoñez, 2016).

Nesse contexto surge o conceito de *upcycling* que é baseado na recuperação de materiais ou produtos que, embora considerados no fim de sua vida útil, podem ser reaproveitados com novas funções com maior valor agregado. Essa prática não só previne o descarte de recursos ainda utilizáveis, como também ajuda a diminuir os excedentes resultantes dos processos industriais, incentivando uma economia circular e sustentável. Ao converter resíduos em novos recursos, o *upcycling* revela o potencial de gerar valor a partir do que seria descartado, promovendo inovação e fortalecendo a consciência ambiental tanto na produção quanto no consumo (Anicet, 2012).

Para Sacchi (2021) o processo de *upcycling* possui quatro fases: avaliação de potencial, atualização, modernização e desconstrução. A etapa inicial, a avaliação de potencial, é considerada a mais desafiadora e crucial, pois depende da criatividade e do olhar crítico dos designers para identificar o valor em peças descartadas. Na fase de atualização, a peça é adaptada ao contexto contemporâneo. A seguir, vem a modernização, onde o item deve adquirir uma aparência original e atemporal. A última fase é a desconstrução, um processo criativo e transformador em que a peça ganha uma nova função, diferente da original, exigindo grande inovação, já que parte do que está disponível, em vez de seguir o modelo convencional de fabricação.

Com as crescentes preocupações ambientais, o consumo de moda vem mudando, valorizando práticas sustentáveis, como o *upcycling*, que oferecem oportunidades para empresas do setor desenvolverem negócios alinhados a essa tendência e necessidade ambiental, agregando valor tanto ao produto quanto ao consumidor. O valor percebido pelo cliente surge da relação entre os benefícios recebidos e os custos suportados, e as empresas podem aumentá-lo ao incrementar benefícios ou reduzir custos (Kotler; Keller, 2006). Por isto é tão relevante identificar os atributos de valor mais importantes para o cliente, permitindo ajustes nas ofertas.

2.1 EMPODERAMENTO DAS MULHERES ATRAVÉS DO ARTESANATO

A formação de grupos voltados para a produção de artesanato não apenas representa uma estratégia econômica, mas sobretudo um caminho para o fortalecimento coletivo, promovendo liberdade e novas oportunidades. Esses grupos ajudam a estabelecer uma identidade individual e única, desvinculando-se, caso desejado, dos papéis tradicionais de mãe, mulher, esposa, avó, entre outros (Bruno, 2011).

Siqueira (2014), em sua análise sobre um grupo de artesãs, evidencia a autovalorização e o fortalecimento da visibilidade cultural proporcionados pela confecção de suas peças. Ao produzir os artigos, as integrantes do grupo fortalecem seus laços, oferecem apoio mútuo e garantem uma fonte de renda, seja principal ou complementar. Além disso, essa atividade expande suas metas e sonhos, permitindo-lhes exercer ofícios gratificantes e repletos de significado, apesar de enfrentar diversos desafios, como a renda instável que depende do volume de encomendas, o trabalho artesanal continua sendo uma importante fonte de sustento financeiro para essas mulheres.

Atualmente, o conceito de empoderamento se configura como uma questão central em disputas ideológicas no campo do desenvolvimento (Iorio, 2002). Conforme destaca Iorio (2002), é fundamental reconhecer que o empoderamento não pode ser realizado em nome daqueles que devem ser empoderados. O processo deve ter como foco central as próprias pessoas e grupos, respeitando suas perspectivas, aspirações e prioridades.

A criação de oportunidades de renda para jovens e mulheres deve ser acompanhada de uma perspectiva abrangente que leve em conta os aspectos sociais, econômicos e ambientais relacionados à conservação do meio ambiente. Isso inclui a redução da incidência de vetores de doenças e a prevenção da contaminação das águas e do solo, que são frequentemente resultantes do descarte inadequado de resíduos. Neste sentido, o grupo de artesãs aqui mencionado colabora na redução do impacto dos resíduos das atividades de pesca, usando como matéria-prima redes velhas e escamas.

2.2 COMUNIDADES CRIATIVAS, ARTESANATO E DESIGN

O conceito de inovação social aborda a transformação social. Segundo Mulgan (2007), a inovação social se refere a novas ideias, atividades e serviços que buscam atender a essas demandas sociais. Para André e Abreu (2006), trata-se de uma nova abordagem que gera mudanças significativas na sociedade, rompendo com padrões estabelecidos e propondo alternativas inovadoras.

Já Manzini (2008) defende as comunidades criativas como formas de inovações sociais, promovendo mudanças significativas e sustentáveis em modos de vida. Elas são capazes de reorganizar recursos locais, desenvolver soluções colaborativas para desafios cotidianos e preservar saberes transmitidos ao longo das gerações. Essas iniciativas são enraizadas no contexto local, mas conectadas a redes globais, facilitando a troca de experiências e ampliando o impacto das soluções.

Assim, Manzini (Krucken, 2009) argumenta que o design deve fomentar uma interação harmoniosa entre o local e o global, empregando recursos locais de maneira sustentável e promovendo conversas entre comunidades e redes globais. Fletcher e Grose (2011) também ressaltam que os designers estão cada vez mais atentos à proveniência dos materiais, ao processo de fabricação e ao destino final dos produtos que projetam. Esta percepção os liga à cultura e aos conhecimentos tradicionais. Assim sendo, o design tem se associado cada vez mais ao desenvolvimento de produtos artesanais, sendo valorizado como um meio de preservar e estimular a produção local, sua identidade e cultura regional (Krucken, 2009). Essa aproximação do design com o artesanato resulta em grande impacto social, cultural e econômico.

Nos trabalhos científicos sobre a interação entre design e artesanato no Brasil construída nos últimos anos (desde 2012), identifica-se que a relação entre as áreas é pautada na troca de conhecimento, promovendo o resgate de técnicas artesanais não mais utilizadas, melhorando o aproveitamento da matéria-prima e divulgando os produtos desenvolvidos (Lorenzi et al., 2022; Iamamura et al., 2014). A troca de conhecimento também proporciona aos designers ampliação de seus repertórios em relação às matérias-primas, técnicas manuais e processos de produção (Freitas et al., 2021).

A cooperação de um grupo de artesãs que transforma materiais descartados em matéria-prima para confecção de produtos, gera uma descontinuidade sistêmica no modo de fazer as coisas, pois utiliza-se do que está a sua disposição para transformar a realidade de sua comunidade (MANZINI, 2008). Assim, a atuação em forma de associativismo das artesãs da colônia de pescadores Z3, localizada em Pelotas-RS, conhecidas como Redeiras, vem contribuindo para a inovação social da sua localidade, com o apoio de designers para desenvolvimento de suas coleções.

3. DESENVOLVIMENTO

O estudo de caso desta pesquisa focou na Associação de Artesãs do Extremo Sul Redeiras, que se localiza na colônia Z3, na cidade de Pelotas - RS. O artesanato desenvolvido pelas Redeiras é um artesanato de origem contemporâneo-conceitual (Segundo a classificação do Programa do Artesanato Brasileiro - PORTARIA No 1.007-SEI, 2018) e utiliza material de descarte para a confecção dos produtos, tais como as escamas de peixes e a rede de camarão.

Das nove artesãs que formam o grupo das Redeiras, oito residem na colônia Z3 e uma reside no centro da cidade. A maioria delas são mulheres que trabalham com o artesanato e com a pesca artesanal. Isso realça a singularidade do artesanato produzido pelas Redeiras, que empregam matéria-prima proveniente da pesca. Essas mulheres estão situadas e familiarizadas com o material, dando a ele um uso totalmente novo e inovador.

As redes de pesca do camarão utilizadas pelos pescadores, que são conhecidas como rede de avião (redes de espera) (Figura 01) duram em torno de cinco a seis anos. Quando elas atingem um estado que não é mais vantajoso conservá-la, os pescadores as substituem por redes novas e descartam as velhas em fundos de galpões, na beira da praia, ou até mesmo as deixam no fundo da laguna. As Redeiras então, reutilizam estas redes descartadas, para fabricar o seu artesanato, através da técnica de *upcycling*. Elas recolhem as redes, fazem a higienização, o processo de tornar a rede em fio (Figura 01), tecem o fio de rede (Figura 01), utilizando técnicas artesanais variadas e depois que a peça é tecida ela passa pelo processo de tingimento. Só então é feita a costura do forro na peça e esta recebe os acabamentos finais.

Figura 01: Rede Avião (Esquerda) | Fio de Rede (Meio) | Tear Manual (Direita)



Fonte: Acervos autoras

A outra linha de produtos artesanais que a Associação das Redeiras desenvolve são as biojóias, fabricadas com escamas de peixe. Assim como a reutilização das redes de camarão, as artesãs recolhem as escamas de peixes descartadas pelos pescadores. O processo de

fabricação envolve a higienização das escamas, a separação por tamanho e espessura, bem como cortes para união com a prata e/ou aço (Figura 02).

Figura 02: Processo de produção das biojoias



Fonte: Acervo das Redeiras (adaptado pelas autoras)

Tanto a coleção Redeiras (Figura 03) como a coleção de biojoias (Figura 04) são fruto de um projeto financiado por um agente de fomento, o Sebrae, que em 2009 promoveu oficinas com designers e auxiliou na compra de material e divulgação para o desenvolvimento e aprimoramento do artesanato. Antes do projeto do Sebrae, o grupo chamava-se Pescando Arte, passando a ser chamado Redeiras pela coleção desenvolvida com a utilização de rede que chama-se Redeiras, pois nas feiras as pessoas passaram a chamá-las de Redeiras. Assim, hoje o nome da associação é registrado como Associação Redeiras do Extremo Sul.

Figura 03: Coleção de Biojoias (Acima) Coleção Redeiras – Colares, echarpes, Bolsas e carteiras(Abaixo)



Fonte: Acervo das Redeiras (adaptado pelas autoras)

A interação com as designers levou as artesãs a explorarem os materiais que já utilizavam de formas diferentes. No começo observou-se que as propostas das designers nem sempre se ajustavam ao material disponível, exigindo adaptações nas peças. Assim, as criações dos produtos foram desenvolvidas em colaboração com as artesãs, resultando em

uma troca de conhecimentos entre as áreas, onde ambas aprenderam a se relacionar. Com o tempo, essa interação se tornou mais fluida, pois as artesãs começaram a produzir conforme as sugestões das designers, levando em conta suas próprias limitações e as características dos materiais. Essa colaboração foi fundamental, já que as artesãs conheciam melhor os materiais que trabalhavam.

Por ser um produto diferenciado e inovador, os produtos produzidos pelas Redeiras são reconhecidos em feiras e já ganharam vários prêmios. Hoje elas já possuem dificuldades para conseguir a matéria-prima principal que são as redes de pesca de camarão, segundo elas "hoje em dia a gente já cortou, já reciclou muita rede da Z3, então a gente já trouxe do Norte a gente já trouxe de Rio Grande e agora a gente vai a Santa Catarina, não tem mais o que cortar na Z3". Essa escassez de material também reflete no trabalho de *upcycling* que está sendo reconhecido e bem aceito pelos consumidores.

Por último destacamos o prazer e orgulho que estas artesãs têm do trabalho que realizam. Para elas, é um trabalho prazeroso, além de gerar renda para a família. Elas ressaltam que, mesmo com todo o esforço e ganho que o artesanato proporciona em suas vidas, é uma alegria estar juntas e construir uma amizade que já dura 15 anos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do papel do artesanato na vida das mulheres da Associação Redeiras do Extremo Sul revela um profundo impacto social, econômico e ambiental. Reutilizando materiais descartados, como redes de pesca e escamas de peixe, essas artesãs não apenas promovem a economia circular através do *upcycling*, mas também estabelecem um novo paradigma de empoderamento feminino. Ao transformar resíduos em produtos de alto valor agregado, elas conquistam autonomia financeira e reconhecimento social, rompendo com os estigmas associados aos papéis tradicionais.

Além de serem uma fonte de renda, essas práticas artesanais fomentam a construção de identidades coletivas e individuais, fortalecendo laços de solidariedade e apoio mútuo. A interação com designers contribui para um intercâmbio rico de conhecimentos, permitindo que as artesãs explorem suas habilidades e criatividade de maneiras inovadoras. Apesar dos desafios enfrentados, como a escassez de matérias-primas, o sentimento de orgulho e a alegria de pertencer a um grupo coeso ressaltam a importância do artesanato não apenas como uma atividade econômica, mas como um verdadeiro catalisador de mudança social.

Portanto, o artesanato transcende sua função utilitária, emergindo como um meio poderoso de transformação e desenvolvimento comunitário. O estudo das Redeiras ilustra como iniciativas locais, enraizadas em tradições e práticas sustentáveis, podem gerar um impacto significativo, inspirando outras comunidades a buscar formas criativas de empoderamento e valorização cultural. Assim, o artesanato se revela não apenas uma fonte de sustento, mas um caminho para a autonomia e a dignidade das mulheres envolvidas, contribuindo para um futuro mais justo e sustentável.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, v. 41, n. 81, 2006.

ANICET, Anne. Colagens têxteis: em busca de um design sustentável. Tese de Doutorado em Design, Universidade de Aveiro. Aveiro, 2012.

AVILA, Ana Paula Santos et al. Os resíduos têxteis sólidos no contexto de abordagens sustentáveis: ciclo de vida, economia circular e upcycling. *Mix Sustentável*, v. 4, n. 3, p. 17-24, 2018.

BARBOSA, Vera Lucia; D'ÁVILA, Maria Inácia. Mulheres e Artesanato: um :ofício feminino: no povoado do bichinho/prados-mg. *Revista Ártemis*, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 141-152, 31 jul. 2014. Portal de Periodicos UFPB.

BRUNO, Regina et al. Organização produtiva das mulheres assentadas da reforma agrária. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda. *Autonomia e cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. p. 55-84.

BRASIL. Portaria No 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-ju. Acesso em: 28 set. 2022.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. *Moda & sustentabilidade: design para mudança*. São Paulo: Senac, 2011.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira; DIAS, Maria Regina Álvares Correia. Em Busca De Boas Relações Entre Artesanato Tradicional E Design: Estudo De Caso Em Tiradentes, Minas Gerais. *DAT Journal* 6.3 (2021): 69-86.

IACOBUCCI, D. *Os desafios do marketing*. São Paulo: Futura, 2001.

IAMAMURA, Patrícia Nascimento; KANAMARU Antonio Takao. O Papel Do Design Na Produção E Cultura Do Artesanato Com Teares E Corantes Naturais De Carmo Do Rio Claro-MG/Furnas. *Projetica* 4.2 (2014): 111-24.

IORIO, Cecília. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos. Texto elaborado para a ActionAid, 2002.

KOTLER, P.;KELLER, K.L. Administração de marketing. 12. Ed. São Paulo: Pearson-Prentice Hall, 2006.

KRUCKEN, Lia. Design e território: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LORENZI, Rita De Cássia Rothbarth; MORGENSTER, Elenir Carmen; EVERLING, Marli Teresinha; GRAF, Luana; SILVA, Barbara. Design De Moda E Artesanato: Uma Relação Social Recíproca. DAT Journal 7.4 (2022): 299-318.

MANZINI, Ezio; Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais / Ezio Manzini; [coordenação de tradução Carla Cipolla; equipe Elisa Spampinato, Aline Lys Silva]. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos; v.1).

MULGAN, G. et al. Social Innovation: what it is, why it matters, how it can be accelerated. 2007. London: University of Oxford, Young Foundation.

SACCHI, Stefano. La fenice e il camaleonte nella moda e nel design: Recycling e Upcycling. Milano: Franco Angeli, 2021.

SINGH, Jagdeep; ORDOÑES, Isabel. Resource recovery from post-consumer waste : important lessons for the upcoming circular economy. Journal of Cleaner Production, [S. l.], v. 134, p. 342–353, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.12.020>

SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira de. Empoderamento de mulheres agricultoras: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano. Salvador: UFBA, 2014.

STANKE, A. A framework for achieving lifecycle value in product development. Thesis(Master in Science). Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, 2001.

STROMQUIST, Nelly. (1997). “La busqueda Del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la educación”. In: LEÓN, Magdalena. Poder y empoderamiento de las mujeres. Bogotá: MT Editores, pp. 75-95.